

Juventudes contemporâneas e narrativa webseriada: possíveis interfaces¹

Rodrigo Bomfim Oliveira²

Iago Clímaco Patrocínio³

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

RESUMO

Esse artigo se propõe a analisar produtos ficcionais como séries, programas televisivos e webséries com narrativas marcadas pelo ponto de vista de personagens jovens, refletindo sobre a relação da juventude com os novos formatos de audiovisual. Se anteriormente esses jovens tinham a sua condição marcada somente pelos perfis e perspectivas colocadas enquanto juvenis nos noticiários e narrativas ficcionais, hoje é necessário observar, nas construções desses produtos audiovisuais, o modo como essa representação se relaciona com eles. Através desta investigação, buscamos o entendimento histórico da construção juvenil e de como essa elaboração pode funcionar como impeditivo ou colaborar para as resoluções que o grupo necessita na atualidade. As webséries, junção do conceito de narrativa seriada com o meio virtual, incentivam o consumo e produção cultural por parte dos jovens e são uma ferramenta importante para a revisão da relação que a sociedade tem com a juventude.

Palavras-chave: Juventude; Jovens; Representação; Narrativas; Webséries.

Considerações iniciais

Podemos dizer que a juventude é um conjunto de ideias e, ao mesmo tempo, uma situação social (GROPPO, 2000). É possível entender esse grupo através dos jovens que aparecem na mídia nas narrativas midiáticas e, também, por uma outra perspectiva, onde a relação com essa fase da vida — no Brasil definida entre os 15 a 29 anos — vai além da restrição etária. Olhar para a diversidade entre os indivíduos na atualidade é crucial para elaborar questões a partir dos anseios de cada parcela juvenil e driblar afirmações do passado, que podem ser impedimentos na resolução das dificuldades enfrentadas por eles (NOVAES, 2007).

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Doutor em Cultura e Sociedade pelo Instituto de Humanidades Artes e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2014), Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC, 2007) e graduado em Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade & propaganda) pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE, 2002). E-mail: ro.bomfim@gmail.com

³ Estudante de graduação em Comunicação Social com habilitação em Rádio e Televisão na UESC e bolsista ICB no projeto “Culturas juvenis e suas interfaces: modos de ser/estar jovem na mídia contemporânea” orientado pelo Prof. Dr. Rodrigo Bomfim Oliveira. E-mail: iagopatrocinio1@gmail.com

Temos que ponderar os dois critérios, tanto o social quanto o etário, quando falamos da juventude. O social, porque a partir dele podemos entender as diversas características sociais e significados das vivências juvenis, e o etário, já que através dele que a fase foi institucionalizada (GROPPO, 2000, p. 12). É no social que estão as ideias a respeito das parcelas juvenis presentes nos noticiários ou na ficção, ideias que resultam em muitas trajetórias. Seja na negação dessa representação ou na absorção dela, os jovens, de uma forma ou de outra, internalizam as expectativas de toda a sociedade a respeito da juventude e somam essas ideias a que eles possuem da própria condição.

Bourdieu (1993) aponta o “ser jovem” como resultado de uma divisão ideológica a partir da relação de poder entre jovens e velhos. Ao definir o que é ser jovem, as parcelas mais velhas delimitavam o espaço desses indivíduos e tomavam para si a responsabilidade e o poder sobre eles, através da restrição etária do conhecimento (p. 112). A mídia tradicional reproduz essa mesma relação quando representa a sua juventude, difundindo para um número muito maior de jovens e, por consequência, construindo um roteiro a ser seguido por eles, principalmente quando nos referimos aos jovens excluídos socialmente.

O sociólogo também coloca que a juventude não é uma unidade social com os mesmos interesses em comum, o que, na visão dele, é uma manipulação (p. 113). Com isso, é de se esperar que, mesmo em condições juvenis semelhantes, o que é colocado na televisão enquanto valor para esses indivíduos não resulte sempre em uma mesma trajetória, já que os jovens, mesmo com oportunidades limitadas, ainda podem fazer escolhas. O que se deve observar é que não é uma coincidência que cada vez mais jovens, por exemplo, optem pela criminalidade e se tornem a ameaça que as parcelas juvenis representam na mídia.

Com uma narrativa onde muitas afirmações são feitas a respeito dos jovens tanto nos produtos ficcionais quanto nos noticiários, a mídia colabora para a diminuição de poder e autonomia desse jovem. E, diante dessa limitação imposta para os jovens, é de se esperar que exista na sociedade uma ideia de que a juventude é um problema social a ser resolvido (ABRAMO, 1997).

A desigualdade social que faz com que a juventude enquanto fase de vida não seja dada somente pela faixa etária, já que a condição é vivida precariamente por muitos indivíduos. Muitos jovens vivem tem que cada vez mais cedo lidar com responsabilidades anteriormente entendidas enquanto da vida adulta como casamento,

filhos e trabalho (NOVAES, 2007). Para não cair no equívoco de desconsiderar esses indivíduos na elaboração de uma representação a respeito da juventude, deve-se lembrar de estar nessa fase de vida faz com que eles sejam adultos para algumas coisas e crianças para outras como colocado por BORDIEU (1993), o que mostra que o grupo juvenil pode ser unido pela faixa etária e, ao mesmo tempo, separado pelas condições sociais.

A condição marcada pela faixa etária e pelos aspectos sociais desagua na cultura, sendo esse o ponto de partida para entender o que significa ser jovem na atualidade, somados ao aspecto econômico e a sensibilidade tecnológica. A cultura juvenil funciona como espaço de enunciação e, por associação, de reivindicação e articulação de pautas comuns. Deve-se olhar para esse espaço de transferências, seja a partir da socialização, da produção artística ou das novas tecnologias, que se deve direcionar o olhar para construir novas perspectivas de representação desses indivíduos. É na cultura que o jovem constrói a si mesmo, sendo a vivência cultural um processo central dessa fase da vida.

É a juventude que procede a modernidade que se refere este artigo, com todas suas multiplicidades, desigualdades e sensibilidades frente a nova realidade social e tecnológica dos meios de comunicação. Utilizaremos uma reflexão teórica a respeito construção da juventude enquanto representação e situação social para depois trazer a questão das narrativas juvenis na internet com a análise da websérie “Leve-me para sair” (2013).

Os novos formatos narrativos da internet se caracterizam por uma conexão mais íntima com o público, que se assemelha aos formatos de seriados da televisão paga, e que também trazem consigo uma semente de protagonismo juvenil para a atualidade. Longe da perspectiva de atingir máximo de faixas etárias proposta pela televisão aberta, com a internet e através do conteúdo audiovisual a juventude possui uma chance real de questionar a si mesma e de levar essas questões para a sociedade, como veremos mais adiante.

Categoria juvenil e história

Através do conhecimento histórico podemos compreender de que forma a juventude passou a ser observada enquanto período de vida. Segundo o historiador Phillippe Ariès (1973) a relação de infância e a adolescência com idades de existência foi construída na modernidade, com o surgimento da família burguesa. A diminuição da mortalidade

infantil e o declínio das taxas de natalidade apontou na Europa do começo do século XIX a consolidação da infância e o mesmo aconteceu com a adolescência na segunda metade do mesmo século. Foi através do reconhecimento dessas categorias por parte dos integrantes e da sociedade que elas se tornaram fases distintas de desenvolvimento. A partir daí também surge a necessidade de orienta-los, com o advento de instituições sociais que se responsabilizavam em assegurar uma integração gradual, revisando a rotina anterior desses grupos.

A passagem da infância para a vida adulta foi fragmentada em etapas, apresentadas pela criação dos espaços físicos e simbólicos e também na forma de atividades que visassem transmitir o saber apropriado a categoria etária que esses indivíduos pertenciam. O conhecimento que era passado aos jovens através da convivência direta com os mais velhos passou a ser mediado pela sociedade, família e escola, para que esses grupos etários tivessem recursos suficientes para auxiliá-los na vida adulta. Com o tempo, esse processo foi se sofisticando, com medidas que visavam os proteger dos perigos que poderiam levar estes jovens ao abandono da vida escolar, a rebeldia ou a delinquência.

Existia agora uma preocupação social com a continuidade, que emergia na entrada da sociedade no século XX e que era caracterizada pela visão de esses grupos representarem o capital simbólico e a futura riqueza das nações (BIRMAN, 2008). Mesmo diante de tanto otimismo, a juventude continuava em segundo plano, enquanto mero processo de transição, esbarrando tanto na definição de infância quanto adolescência. O que guiava essa fase era a ideia de que se tratava do período de preparação para vida adulta, aqui expressa através da aquisição de um emprego, do casamento e da formação de uma nova família. A aquisição total de responsabilidade era assim a principal expressão da transição total entre juventude e vida adulta.

Somente através da juventude nos protestos dos anos 60 que a sociedade se vê diante da imagem do grupo, enquanto eles confrontavam os limites que lhe foram reservados historicamente e se tornavam uma ameaça à ordem social. A socióloga Helena Wendel Abramo aponta um envolvimento dos estudantes brasileiros “na luta contra o regime autoritário, através de mobilizações de entidades estudantis e do engajamento nos partidos de esquerda; mas também pelos movimentos culturais que questionavam os padrões de comportamento” (ABRAMO, 1997, p. 30). Com esse protagonismo, a juventude passa a ser encarada enquanto fase de vida e compreendida socialmente como

uma intersecção entre a adolescência e a vida adulta, o que foi legitimado através da presença ativa dos jovens na sociedade e na produção cultural.

A televisão sempre foi palco de vários conflitos de geração por deslocar o conhecimento específico de cada fase de vida e dar novos significados a cada uma delas (MARTÍN-BARBERO, 2002). No Brasil, ela surgiu no país em 1950 e funcionou como uma espécie de catalizadora para as tendências sociais de dentro e fora do país na época. Frente a repressão que os artistas de MPB sofriam, o movimento “ié-ié-ié” tomava a programação televisiva, tendo sua principal expressão no programa Jovem Guarda, transmitido pela Rede Record entre 65 e 68. O programa, onde diversos artistas e bandas de rock nacional se apresentavam, estabelecia uma espécie de primeiro contato entre as rotinas de diversas juventudes ao redor do mundo. Através da tela, criava-se a ligação dos indivíduos de uma determinada faixa etária a uma cultura comum, com uma identidade e um universo para se espelhar, representada por cortes de cabelo, roupas, músicas, produtos e comportamentos que eles agora podiam fomentar através da socialização e do consumo.

A década de 60 foi tomada pelos valores juvenis dos *Boomers*. Os jovens dessa época saíam cedo da casa das famílias para morar com amigos ou parceiros e aproveitar esse momento de liberdade, aventura e aprendizado. Esses novos interesses estavam alinhados a expansão econômica da época, o que trouxe oportunidades para conseguirem a emancipação familiar e viver de acordo com as próprias regras, equilibrando assim a tensão entre adolescência e vida adulta característica da juventude. Os ganhos da categoria não aconteceram somente através do acesso aos bens materiais, as perspectivas jovens desaguaram nas relações sociais e deram início a transformações profundas na sociedade, através da participação da mulher no mercado de trabalho, da valorização da singularidade, de um novo significado para o casamento, dentre outras. A ideia da juventude enquanto ameaça deu lugar a uma visão romântica, que serve de base para os ideais, estilo de vida e expectativas que atravessam a condição juvenil atual.

As gerações que sucederam historicamente, entendidas com pessimismo pela geração anterior refletiram o desenrolar de acontecimentos da sociedade da época. Dotados de valores mais conservadores, individualistas e consumistas, o maior obstáculo para os jovens pós-década de 70 era a inserção no mercado de trabalho, o que torna a juventude uma categoria econômica (PAIS, 1990, p. 143). As questões apontadas como

emancipadoras e centrais da vida adulta agora encontravam impedimentos no desemprego e na desqualificação profissional, conflitando com a ideia da juventude enquanto transição para a vida adulta. Com papel secundário nas transformações que a sociedade enfrentava, os jovens tornavam-se mais adolescentes do que adultos.

No momento em que o jovem encontra barreiras para transição para a vida adulta e emancipação, as preocupações com os jovens retornam para a sociedade. Surge assim a necessidade de políticas públicas que resolvessem esses problemas na condição desses indivíduos. O despreparo da sociedade para com a juventude reflete nos problemas que essas políticas públicas apresentavam, que não conseguiam trabalhar as potencialidades do grupo juvenil por não conseguir alcançá-lo. O jovem nunca tinha sido encarado como um sujeito completo e capaz fazer as próprias escolhas.

O fato de termos na história parcelas juvenis que foram negligenciadas e de outras que, atualmente, não a vivenciam de forma plena traz diversos pontos que elucidam a discussão dos anos 90 até hoje. É a partir daí que surge o entendimento da questão de classe nas juventudes, que exige o entendimento da realidade social de cada membro do grupo e também por outros fatores, como explica Regina Novaes quando diz que “em cada tempo e lugar, fatores históricos, estruturais e conjunturais determinam as vulnerabilidades e as potencialidades das juventudes” (NOVAES, 2007, p. 2).

Diante da história, podemos questionar como o modo de juventude elaborado socialmente afetou o jovem e, também, se hoje os anseios e as diversidades do grupo juvenil do país estão presentes na agenda dos *media*, responsável por grande parte da representação da juventude. Diante dessas perguntas, é possível traçar um caminho para garantir um protagonismo real nos meios de comunicação, e que não silencie ou padronize os anseios desses indivíduos.

O papel do audiovisual é crucial no que diz respeito ao espaço para a essas juventudes. Através de produções que tragam o ponto de vista juvenil, esse indivíduo tem a chance de enxergar a si mesmo e utilizar esse reflexo para formular os próprios projetos e conversar com uma sociedade que insiste em depositar os seus medos na juventude. Com isso, o grupo encontra nas novas formas de narrativa e no meio digital um caminho interessante.

Narrativa seriada e webséries

Tomando emprestada a forma seriada de ficção que já existia na literatura através das cartas e dos folhetins, o cinema foi pioneiro ao deslocar, no início do século XX, o

formato seriado para o audiovisual. Os primeiros seriados eram vistos em salas conhecidas como *nickelodeons* e que, por não serem confortáveis para o público, dividia-se o mesmo filme em partes que deveriam ser assistidas nos dias seguintes. Assim cria-se o hábito no público de retornar a salas para continuar acompanhando as histórias, o que causa uma reestruturação na distribuição e na produção cinematográfica em torno das classes trabalhadoras e dá início, algumas décadas depois, ao que se entende hoje enquanto seriado televisivo.

Os produtos seriados ganham ainda mais espaço quando chegam ao espaço doméstico através da televisão, se espalhando pela serialidade já encontrada na grade de programação e passa a ter como desafio principal lidar com a distração da audiência. Já não era mais necessário se deslocar para outro espaço para acompanhar as histórias, bastava apenas ligar o dispositivo e sintonizar no canal em um determinado dia e horário que o seriado estaria lá. Arlindo Machado fala sobre quais narrativas que poderiam ser encontradas no “zapear” de canais por parte do espectador:

Existem basicamente três tipos principais de narrativas seriadas na televisão. No primeiro caso, temos uma única narrativa (ou várias narrativas entrelaçadas e paralelas) que se sucede mais ou menos linearmente ao longo de todos os capítulos (...). No segundo caso, cada emissão é uma história completa e autônoma, com começo, meio e fim, e o que se repete no episódio seguinte são apenas os mesmos personagens principais e uma mesma situação narrativa (...) Finalmente, temos um terceiro tipo de serialização, em que a única coisa que se preserva nos vários episódios é o espírito geral das histórias, ou a temática (...) (MACHADO, 2001, p. 84).

Parte das produções seriadas televisivas passa a existir também no meio digital, inicialmente para ampliar os interesses mercadológicos das emissoras, o que condiciona mais adiante o surgimento de novos formatos audiovisuais próprios da web. As sensibilidades se transformam, acompanhando o sentido de convergência midiática e possuem no seu principal reflexo as parcelas mais juvenis da sociedade.

O meio digital tem outro papel na perspectiva do jovem, funcionando como um espaço onde ele pode consumir e produzir cultura sem que seja supervisionado e sob uma premissa de segurança, já que não torna mais necessário o deslocamento desse indivíduo pela rotina violenta dos espaços urbanos. A ausência de vigilância permite que ele se sinta livre para procurar pela juventude a qual pertence, fazendo com que ele encontre um grupo onde ele possa dividir suas experiências.

Os jovens levam o *zapping* de canais não só para o espaço digital, como também para outros aspectos de suas vidas (MARTÍN-BARBERO, 2002), o que elabora também um

novo caminho para a serialização. Sendo assim, podemos dizer que a websérie dialoga com as sensibilidades das gerações mais novas ao mesmo tempo em que se mescla com formatos de narrativas anteriores a ela.

Websérie, por definição, se refere às produções audiovisuais que estão fragmentadas e disponíveis de maneira paga ou gratuita para serem transferidas ou transmitidas para os dispositivos através da internet, porém não se insere no meio virtual apenas por causa dessas condições. O webseriado permite uma narrativa a par das temáticas da sociedade de internautas, que abraça as novas possibilidades de interação do meio digital, mais flexível em relação à sua forma e tendo entre os seus principais elementos a informalidade e o experimento.

O fato de se tratar de um formato de orçamentos menores colabora para a ideia de que a websérie rompe com uma cadeia de produção cultural que delimitava produtores e consumidores em um cenário anterior. Através da democratização do acesso aos dispositivos capazes de produzir conteúdo audiovisual o jovem tem a possibilidade de alterar as regras do jogo, utilizando o conhecimento da própria condição juvenil.

O desafio herdado pela televisão de lidar com a distração do usuário é ampliado quando falamos dessas novas narrativas. Além de estarem em movimento pelas cidades e frente a mais distrações, os espectadores das webséries estão diante de dispositivos nativos a descontinuidade como, por exemplo, celulares, computadores, tablets, etc. Emergem assim novos perfis de narrativas e estratégias para alcançar esse público, o que faz com que a internet tenha um papel importante na reformulação das relações que a sociedade tem com as mídias, algo semelhante ao que a televisão fez no passado.

Se a internet possibilita que mais temas tenham espaço, a televisão fechada tinha uma proposta semelhante quando fugia do modelo da televisão aberta de atingir o máximo de audiência e de centralizar o debate público. Quando ligamos isso às narrativas juvenis, a presença de canais juvenis como MTV e Multishow se aproximavam de uma representação prudente da categoria quando postos em comparação com canais da televisão aberta. A televisão funcionava para reforçar os espaços colocados pelas instituições sociais para a categoria enquanto, paralelamente, outras perspectivas eram tratadas a respeito da juventude nas narrativas da televisão fechada.

Os caminhos para uma enunciação real se tornam mais possíveis virtualmente, onde a juventude tem a chance de se organizar em grupos, coletivos e encontrar formas de ter as suas demandas ouvidas pela sociedade. Pode-se observar isso através das

transformações que o formato seriado passa em comparação ao momento em que existia apenas na televisão, abrindo espaço para as identidades juvenis e para as trocas entre indivíduos de diversos segmentos sociais e depois retomando para a televisão, onde os experimentos bem-sucedidos virtualmente retornavam enquanto inovação.

Atualmente existe um interesse maior por parte das políticas públicas pela produção dessas narrativas, tendo como resultado editais de incentivo ao audiovisual e também na forma de programas sociais de cultura e lazer para a juventude. O papel das webséries, nesse sentido, é colaborar para a resolução a dívida que a sociedade tem com categoria, tentando localizar, enquanto condição social, o conceito de juventude que é posto pela representação social.

É importante entender também que, mesmo diante da popularização dos dispositivos eletrônicos, a televisão ainda tem destaque no consumo de conteúdo audiovisual por parte dos jovens do país, sendo este também um reflexo da multiplicidade da categoria. Isso se deve tanto a dificuldade de acesso quanto a qualidade da internet disponível a preços populares, que pode se mostrar insuficiente para baixar, transmitir ou enviar conteúdo para a rede – no caso dos produtores – fazendo com que parte da juventude fique em desvantagem nesse processo de reformulação da relação da categoria com a sociedade.

Análise de Conteúdo: “Leve-me para sair”

Aliando a diversidade possibilitada pelo suporte às novas formas de construção de narrativas, insere-se a análise da websérie jovem “Leve-me para-sair” (2013) financiada pelo Governo do Estado de São Paulo no Programa de Ação Cultural em 2011. A série conta com episódios curtos e monólogos, a maioria dos vídeos não passa de cinco minutos, totalizando 9 episódios da narrativa principal e 9 monólogos, disponíveis no canal no Youtube do Coletivo Lumika, responsável pela produção. Através de uma trama de amigos que se encontra para uma festa, a websérie discute a afetividade e as questões juvenis pelo ponto de vista de juventudes LGBTs.

A produção explora as novas possibilidades do meio digital, onde pode-se observar uma série paralela a narrativa principal, onde se inserem os monólogos dos personagens e suas impressões sobre a sociedade. Os episódios curtos permitem, caso seja do interesse do espectador, que eles possam ser intercalados aos monólogos. Paralelamente a essas duas narrativas, um dos personagens possui uma conta na rede social Tumblr e também há de um documentário, que funciona como uma investigação sobre juventudes LGBTs

nos ambientes sociais urbanos — onde é retratada a juventude que pode compreendida enquanto o público que a série se destina.

Sendo uma peça financiada por um programa cultural do governo, a websérie tem o objetivo de promover a discussão sobre as identidades juvenis LGBTs de uma perspectiva mais leve, visando possivelmente um público jovem que não está familiarizado a enxergar-se nas produções audiovisuais. Observa-se também um esforço por parte da produção em construir perfis de personagens alternativos aqueles já existentes dos LGBTs nos programas e nas séries de televisivas, o que é importante para atrair a juventude presente na internet a uma perspectiva de categoria sem que se percam as multiplicidades desses indivíduos.

Dentro da representação de juventude na série há um recorte para as classes médias e altas, o que limita a amplitude da diversidade proposta e que também acontece no webdocumentário. Mas esse recorte, ao mesmo tempo, permite um detalhamento dessa condição juvenil, fazendo oposição a produtos que tentam falar sobre muitas juventudes e funcionam mais como reprodutores de estereótipos do que como canais reais de enunciação. Assim, a juventude que “nos leva para sair” foge um pouco do que é socialmente compreendido enquanto jovem ideal, mas retorna a esse ideal por não serem observados perfis de jovens de periferia ou transexuais na narrativa, por exemplo. A escolha da festa é um elemento interessante na websérie. A convivência de várias identidades juvenis mostra o quanto esses espaços de sociabilidade são importantes para as juventudes dos espaços urbanos. Dessa forma, o público tem acesso a intimidade dos personagens no único cenário da websérie, e se comportando de maneira diferente do que eles poderiam se comportar nos espaços que eles compartilham com os adultos. Ainda na festa é possível perceber o consumo de álcool e drogas por parte dos personagens e as músicas populares norte-americanas, que marcam a condição retratada ali.

Ao focar na vivência dos LGBTs a série faz outro recorte, que liga as questões da juventude a dos indivíduos desse grupo, sendo eles também parte da diversidade que entendemos enquanto categoria juvenil. A respeito disso, pode-se observar os monólogos dos personagens com histórias entrelaçadas aos acontecimentos da série, onde eles dão detalhes de suas vidas e seus anseios. Em primeira pessoa, um dos personagens diz que saiu do interior porque a família sofria com o fato dele ser gay,

outra conta como saiu do armário, dentre outros exemplos, resultando no protagonismo claro desses indivíduos.

A abordagem paralela da narrativa nos monólogos traz profundidade para essa representação presente na websérie, fugindo da maneira como a categoria vem sendo abordada nas novelas e nos noticiários e, ao mesmo tempo, confrontando a relação que a sociedade tem com a juventude. A questão do emprego está presente no monólogo da personagem Caiú, quando ela conta a dificuldade que enfrenta por ser lésbica nas reuniões da empresa em que os funcionários levam os cônjuges, revelando uma necessidade de “manter as aparências”. A situação retratada por ela representa a realidade de 61% dos funcionários LGBTs do Brasil, que dizem esconder a sua sexualidade no trabalho⁴. E por não existir garantia de acesso ao emprego, a juventude está sujeita a diversos outros impedimentos para viver com dignidade como, por exemplo, lidar com assédio moral e sexual, além do acúmulo de funções, salários baixos e da instabilidade nos empregos.

Desde os movimentos de contracultura, a juventude passa a ocupar o mercado de trabalho, mas atualmente há uma dificuldade de conseguir e se manter no mercado de trabalho, sendo o emprego apontado como o segundo problema que mais os preocupa na atualidade (SNJ, 2014). Aqueles que não atendem as exigências do mercado de trabalho, seja por questões relacionadas ao perfil e/ou a rotina de trabalho, ainda podem encontrar como alternativa a informalidade, mas as oportunidades vão se tornando escassas quando chegamos as camadas sociais menos favorecidas. Os desafios da condição podem levar esses jovens a uma exclusão extrema, encerrando na inserção deles na criminalidade ou na prostituição.

Assim, através de um roteiro com personagens críticos em relação ao seu lugar na sociedade e de uma proposta narrativa que se fragmenta pela web, temos em “Leve-me para sair” uma juventude além do que pode ser observado na representação comum. Entende-se assim que a garantia de direitos da categoria passa pelo audiovisual e, no caso da websérie, com a união da iniciativa pública com coletivos que se interessem em produzir conteúdo jovem para a web. Não se deve negligenciar o espaço da cultura e do lazer na vida dos jovens, essas atividades têm que ser garantidas e incentivadas pela sociedade, tendo um papel muito importante na formação deles enquanto sujeitos de direitos e na construção da autonomia desses indivíduos.

⁴ Pesquisa de 2016 do Center for Talent Innovation, disponível em <http://www.talentinnovation.org/publication.cfm?publication=1510>> Acesso em 10 jun 2016.

Conclusões

A juventude enquanto representação é uma soma de diversas juventudes existentes, de diversas condições, ideias e sensibilidades. O período que, historicamente, só passou a ser visto pela sociedade nos anos 60, sempre foi marcado de generalizações e expectativas, onde se tomava emprestado os símbolos de juventude e o jovem em si era ignorado. Isso fez com que durante muito tempo as demandas dessa categoria não tivessem espaço na sociedade, principalmente na mídia, apesar da presença constante da categoria.

O entendimento do jovem enquanto problema também não é recente, ele vem desde que associavam o conceito da juventude com o a adolescência, retornando a sociedade justamente no período em que a categoria se aproxima dessa fase de vida, por ter as oportunidades de emancipação cerceadas. Desse modo, a sociedade estabelece diversas afirmações a respeito dos jovens e da cultura juvenil, que impedem o diálogo entre a categoria e a sociedade. Com a explosão de criminalidade, a desconfiança passa a marcar a vida desses indivíduos, sem que se imagine que a presença de muitos deles no tráfico seja resultado de uma negligência histórica que privilegiou uma parcela juvenil em detrimento de outra.

Com o medo social, surgem políticas que visem tirar o jovem da criminalidade, mas que esbarram nas próprias construções que foram feitas a respeito da juventude ao longo das décadas, negando poder para o indivíduo dessa categoria. Paralelamente a essas políticas, os jovens adquirem novas sensibilidades e encontram nos novos suportes a chance de elaborar as próprias narrativas, o que também dá espaço para que eles reivindiquem seu espaço na sociedade.

Através da narrativa seriada, pode-se observar a demanda de representação por parte da juventude, algo semelhante ao que aconteceu com a juventude dos anos 60, com a presença de elementos que estabeleciam um ponto em comum entre a condição dessas pessoas, que apesar de terem suas individualidades, apresentavam características e desafios em comum. As possibilidades de representação se expandem com a serialização através da web, que tem um custo menor, o permite que possa ser feita pelos indivíduos, com o auxílio de dispositivos eletrônicos.

Surge com as webséries uma chance da juventude para revisitar as construções sociais a respeito da categoria e de elaborar finalmente uma narrativa em primeira pessoa,

estabelecendo um discurso paralelo ao que é feito sobre suas demandas e de acordo com as suas individualidades. Assim, a sociedade que enxergou o jovem enquanto problema a ser resolvido encontra um jovem com outra sensibilidade, crítico, capaz de participar da resolução das dificuldades que enfrenta e, também, de produzir conteúdo cultural.

Referências

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5, p. 25-36, dezembro 1997. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a04.pdf>>. Acesso em 10 junho 2016.
- AGENDA JUVENTUDE BRASIL. **Pesquisa Nacional Sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013**. Brasília: SNJ, 2014. Disponível em: <participatorio.juventude.gov.br>. Acesso em 8 julho 2016.
- ARIÈS, P. **L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Regime**, 1973. In: BIRMAN, J. Adolescência Sem Fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-ediapiano. In: CARDOSO, M. R.; MARTY, F. **Destinos da adolescência**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- BIRMAN, J. Adolescência Sem Fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-ediapiano. In: CARDOSO, M. R.; MARTY, F. **Destinos da adolescência**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 81-105.
- BORDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: BORDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.
- COLETIVO LUMIKA. Leve-me para sair: Websérie. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/coletivolumika>>. Acesso em 10 junho 2015.
- COLETIVO LUMIKA. Documentário: Leve-me para sair. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/coletivolumika>>. Acesso em 10 junho 2015.
- CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- GROPPO, L. A. A juventude como categoria social. In: GROPPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000. p. 7-27.
- MACHADO, A. **Televisão levada a sério**. 2ª. ed. São Paulo: FENAC, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre jovens In: BORELLI, Sílvia H. S. e FILHO, João Freire, **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, J. Jóvenes: comunicación e identidad. **Pensar Iberoamérica**, fevereiro 2002. Disponível em: <<http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric00a03.htm>> Acesso em 10 julho 2016.
- NOVAES, R. Juventude e Sociedade: jogo de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: Ciência e Vida**, São Paulo, 2007.
- PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, v. XXV, 1990.